



COMO TRAJAVA O POVO PORTUGUÊS



CUTA 35/204
NECESO
REGISTO 94
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

94
25/1/2004

UMA GRANDE, IMENSA FIDELIDADE

No Alentejo, em fins de Julho ou princípios de Agosto, o olhar atinge o seu zénite. No horizonte raso e limpo tudo parece pegado à terra: muros, árvores, medas de palha, montes, quando se avistam distantes. Um delírio de luz sobe à cabeça, como a música das cigarras, e faz doer. As coisas todas estalam como romãs maduras, e ficam cheias de brilhos. Mesmo dentro de casa, com portas e janelas trancadas, a luz entra pelas frestas, entorna-se pelas tijoleiras e reflecte-se, tenuamente rosada, na brancura das paredes. No pátio, uma oculta água ergue-se num repuxo exíguo — e é pura delícia. Cheira ao que é da terra e regressa à terra. Um som de guizos, o trote miúdo de uma mula, o grito de uma criança, custam a distinguir, de tão longe vêm. Neste longo, ardente verão do Sul, apenas as cigarras têm modulações amplas. À roda tudo é silêncio e secura. Os próprios homens quase não têm fala, mas os seus olhos queimam como duas pedras expostas ao sol durante milhares de dias. Só eles afirmam que nem tudo no Alentejo nasce e morre acachapado à terra. Eles, e uns pombos bravos que subitamente rasgam o céu, como quem foge ao áspero, ardido, amargo coração do meu país.

Falei da luz do Alentejo, mas não é ela que verdadeiramente me liga e religa a esta terra; é demasiado ácida, falta-lhe uma doçura última, mediterrânea, que só encontraremos mais ao Sul. O que me fascina aqui é uma conquista do espírito sem paralelo no resto do País, numa palavra: um estilo. O melhor do Alentejo é uma

liberdade que escolheu a ordem, o equilíbrio. Estas formas puras, sóbrias de linha e cor, que vão da paisagem à arquitectura, da arquitectura ao vestuário, do vestuário ao canto, são a expressão de um espírito terreno cioso de limpidez, capaz da suprema elegância de ser simples. (...)

Eugénio de Andrade

Os habitantes do Alentejo têm um traje característico: além das célebres mantas alentejanas, tão antigas que já Gil Vicente fala delas, e que eles trazem, ora cobertos, ora traçadas ao ombro, o que lhes dá um aspecto pitoresco de cabreiros, usam jaqueta, cinta (fig. 1) não raro vermelha, a apertar-lhes as calças, e chapéu de pano, desabado, às vezes com uma fita de cor, e uma grande borla preta à esquerda, no bordo da aba. Como andam frequentemente à cavalo, a jaqueta facilita-lhes os movimentos, e a cinta ampara-lhes um pouco o tronco. O cajado e a cachêra são bordões curtos de que os Alentejanos se servem. O primeiro tem uma curva à maneira de báculo ou de lituo romano, por meio da qual o cajado é enfiado no braço, e com ele se apanha a perna de uma rês que foge; tudo isto é o mais tosco possível. Os cajados vendiam-se na feira a 20 rs. cada um, em grandes molhadas. Numa feira de Badajoz vi objectos semelhantes, embora um pouco mais apurados; o uso é pois comum à Estremadura Espanhola e ao Alentejo. A cachêra, que na Beira Alta tem um nome característico que não posso indicar, é um pau também tosco com uma proeminência no fundo; serve para atirar aos bois e bater-lhes. Tanto o cajado como a cachêra são

principalmente usados pelos pastores e pelos abegões. Os cavaleiros usam uns varapaus com uma correia, que se segura no braço.

Trajo dos homens no trabalho do campo:

a) De Verão (ceifa ou aceifa, eiras ou debulha, esborralhar as vinhas, isto é, cavar de novo para tirar as ervas): na cabeça, chapéu de pano (nunca se usa por aqui chapéu de palha), e um lenço ao pescoço por mando suor (por amor do suor), camisa e camisola de riscado (sem colete, nem véstia, nem cinta: quando voltam para casa, põem a véstia ao ombro, e a ferramenta em cima); ceroulas e calças, peúgos e sapatos grossos. A murça da camisola é às vezes bordada de cor (azul e vermelho); a camisola abre adiante e tem botões; outras vezes tem só botões na murça, atando-se com um nó nas pontas em baixo. Na ceifa, canudos em três dedos e dedeira no dedo grande («polegar») e no index — da mão esquerda. Na ceifa usam também uma alzubêra de veludo vermelho, às vezes muito ornada: trazem-na, atada à cinta com fitas, do avesso para não se desbotar; anda nela o tabaco e os apetrechos de fumar (talisganha de veludo com o fuzil, isca, pederneira; ou fuzileira, que é um saquinho de couro com três divisões, para os três apetrechos). Quando se vão embora, metem também na algebeira as dedeiras e os canudos. Na hora da comida enfiam os canudos no bico das foices e atam as dedeiras ao cabo do mesmo instrumento (Vidigueira).

b) De Inverno (cavar, passar terra, isto é, cavar muito fundo para vinha, etc., podar, charruar, lavrar, atalhar, isto é, cortar as terras novamente, etc.): na cabeça, gorro (carapuça ou barrete saloio) sempre preto por fora e pinhão por dentro; samarro [com aldrabonas (de dragonas?)] sobre os ombros e aberto de baixo dos braços; fecha em cima com botões de couro, aberto na frente, cortado ao meio do abdômen, com uma aba larga caída até à curvatura dos joelhos (casaca de abas largas!); por baixo, camisola, colete sob esta, camisa, calças de saragoça forte, ceroulas e acêfões encorreados em volta da lã, sapatos grossos ou botas, que podem ser caneleiras (até ao meio da perna) ou joelheiras (até ao joelho) (figs. 2 e 3).

Trajo domingueiro dos homens: chapéu fino de pano, de aba larga ou curta e copa alta ou baixa, com cordão e fita; camisa com pregas sobre o comprido, ou recortes (não camisola) ou vieses (pano cortado obliquamente); colete com uma ordem de botões e muito aberto; véstia de quartinhos, isto é, de quartos ou cortes sobrepostos entre si; ou véstia direita: é muito curta e atrás ainda mais curta; tem quatro bolsos — um pequenino, em cima, à esquerda, onde se usa, com a ponta de fora, um

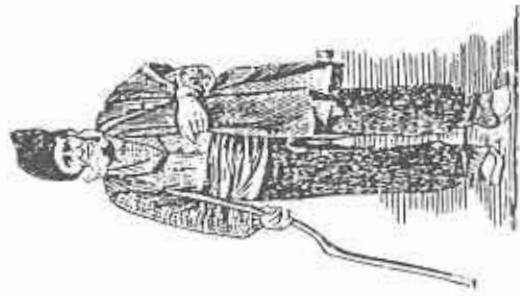


FIG. 1

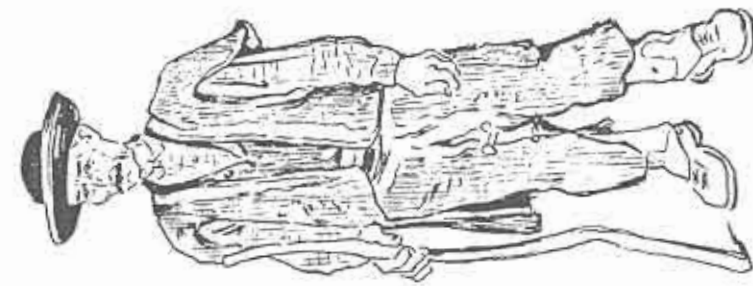


FIG. 2



FIG. 3

lenço bordado pela namorada; dois bolsos em baixo, um de cada lado, oblíquos ou verticais; um bolso falso, dentro, à esquerda, em baixo. A vésia é enfeitada de *alamares* de cordõesinhos de seda (três de cada lado), e duas ordens de botões da cor do fato; na manga há uma série de botões oblíquos. Antigamente usava-se na manga uma fita que marcava o canhão e rematava em cima com bico ou com um florão. Cinta preta, mais fina ao domingo do que ao dia de semana; calça justa, tanto ao domingo como nos de trabalho; sapato fino, preto ou encarnado.



E comenta Matos Gomes:

«Bem individuado no trajar, como aliás em todo o seu estilo de vida, desde a alimentação até à casa em que mora, é o nosso Alentejano. Digno de figurar nestas colunas como portugueses dos melhores e mais arreigados à terra, a ele dedicamos as notas que vão seguir-se, como apontamento de quem andou por lá, noutros tempos, a suar o pão nosso de cada dia... No Alentejano o que sobressai é o vasto e pesado capote e a calça justa. Aquele desce até ao chão, desaparecendo lá dentro todo o corpo. Gola em regra de pele de raposa. Uma ou duas romeiras sobrepostas até à cinta e ombreiras. Na cabeça, chapéu de aba larga, antigamente o famoso chapéu braguês e hoje o chapéu de tronco cónico. O camponês veste jaleca curta, calça subida até acima do estômago, colete justo, cinta preta e camisa branca. O pastor traz chapéu de aba larga, jaleca, safões de ovelha debruados, polainas de cabedal, alforques com barras de cores, o tarro, a cabaça, sapatos ou botas e manta ao

ombro e um cajado. O ganhão arregaça a camisa nas mangas. O porqueiro usa chapeirão preto, safões de pele de ovelha por vezes debruados a cor, polainas, manta de cotão ao ombro e o indispensável cajado. A Alentejana, durante o trabalho rural, calça botas e meias grossas, entrelaça à saia, formando uma espécie de calção que a resguarda. Embioca o rosto com um lenço e sobrepõe-lhe largo chapéu protector. Às vezes, mesmo durante o calor, anda de xale apertado. Usa colete bordado, justo ao tronco, aconchegando o busto e aformoseando o porte dos seios. Beja é, talvez, a zona mais escaidante e mais retintamente alentejana. Vale a pena dedicar-lhe mais algumas linhas. O seu trajo rural tira o carácter da terra e enraiza-se nela. A jaqueta ou vésia ainda se conserva em muitos pontos com todas as características. É branca ou de riscado, mas não aceita gravata. Colete de pano caseiro ou de cetim. A calça justa, do mesmo tecido, sobe um pouco acima da cintura. A cinta de seda sobrepõe-se à calça e ao colete e aparece por baixo da vésia. O pelico e os safões de pele de borrego, caracterizam a indumentária rural alentejana pelo seu conforto, baixo

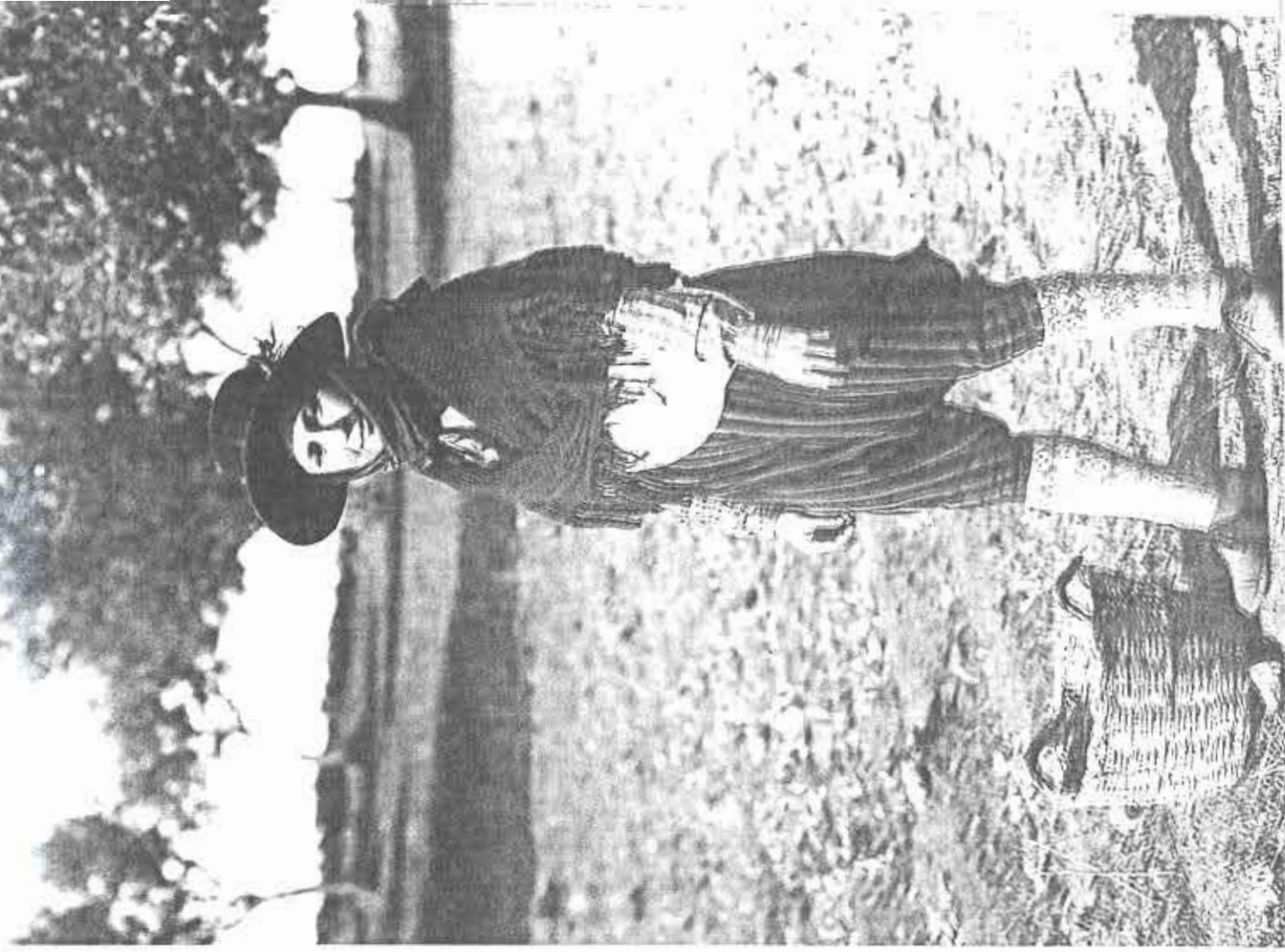


custo e duração. Um e outros são debruados de saragoça, levam botões metálicos e tiras de cabedal.

A mulher rural do Alentejo, a ceifeira e mondadeira, usa botas de cano, fabricadas de bezerro, atacadas pela perna acima, ou então contenta-se com sapatos de cabedal branco, protegidos na sola por fiadas simétricas de carda, resistentes quer à humidade do Inverno, quer ao sol estornicante do Verão. As saias, como no restante do Alentejo, formando calção para deixarem os movimentos livres. Os lenços são de ramagens e, embiocando, resguardam a cabeça, a cara e a boca. Sobre ele, o chapéu de aba larga, com fita garrida e ramos de flores ou de espigas. O xale é peça de indumentária que se estende a muitas outras terras de Portugal. A maneira de usá-lo é que varia e significa muito. Em Moura, usa-se aberto, quase a cair dos ombros, e seguro com uma das mãos na altura da cinta. Noutras partes, é levado no braço, dobradinho com as franjas pendentes. No Inverno, anda bem cingido ao corpo como resguardo. Posto pela cabeça, embiocando a cara, significa luto e tristeza.

Como Maria Lamas encara o traje da Camponesa Alentejana:

A camponesa alentejana não tem, actualmente, qualquer traje especial. As que vivem mais arredadas mantêm o vestuário discreto e sem graça que as filhas copiam das mães através de gerações sucessivas. As que estão perto de cidades e vilas ou frequentam «montes» de maior movimento, procuram imitar as modas, seja no penteado, seja na maneira de vestir. Porém, durante as grandes fainas agrícolas, apresentam-se quase todas, rigorosamente, conforme as praxes de indumentária estabelecidas para o trabalho que vão executar, sendo geral, em qualquer desses trabalhos — monda, ceifa e «apanha da azeitona» — o costume de formar uma espécie de calções com as saias, prendendo-as entre as pernas, por debaixo do Joelho com um alfinete de segurança. Usam umas ligas de cordão encarnado e amarelo, que elas próprias fazem, com borlas nas pontas, e que lhes prendem, conjuntamente, as saias e as meias. Estas são sempre de cores vivas, de um só tom, ou às riscas brancas.



Para a «apanha da azeitona» vestem saia de estamenha, com uma barra vermelha em baixo, pela parte de dentro. Resguardam-se do frio com uma outra saia, que põem pelos ombros: — a «saia do resguardo» ou «de embrulho».

O que é sempre igual, seja em que época for, é o chapéu de feltro preto sobre o lenço, que tapa o queixo e a boca, numa forte reminiscência árabe.

Sobre a evolução do Traje de Nisa escreveu José Francisco Figueiredo, in «Etnografia Portuguesa», de Leite de Vasconcelos.

Em remotos tempos, as mulheres usavam saias de *catimbau*, fazenda espessa de lã, geralmente em azul-escuro ou castanho, com barra amarela, cor-de-rosa ou encarnada. Estas saias tinham, de ordinário, três panos e eram demasiadamente compridas, passando mais tarde a usar-se pouco abaixo do joelho. Por baixo da saia de *catimbau*, traziam uma de *estamenha*, tecido de lã e linho; mas esta, em vez de barra, terminava por uma orla formada a pontos de tranca de lã em espiral, distanciados de um centímetro pouco mais ou menos. Usavam ainda, sob a estamenha, saias de *baeta de seda*, uma espécie de flanela de algodão felpuda.

As camisas eram sempre de linho, sendo frequente encontrarem-se algumas em que a parte correspondente ao tronco era de linho, e a inferior de estopa ou estopinha. Nas mangas, que quase todas tinham, e nos ombros eram bordadas com *linha caseira*, isto é, com fios de linha adrede preparados.

No peito, sobre a camisa, vestiam um *colete* de pano encarnado, enfeitado com fitas de cor diferente, e sobre este a *roupinha*, uma espécie de corpete muito justo e que, conforme se destinava ou não para dias festivos, era confeccionada em seda de várias cores, ou em pano azul de lã. As mangas desta interessante peça de vestuário eram também muito apertadas por meio de pregas longitudinais no braço e antebraço, notando-se apenas uma parte mais larga na região do cotovelo, que deu a tais mangas a denominação de mangas de balão.

Sobre a roupinha usavam ainda a *capa de bambonete* (?), que era uma capa pequena de tule ou renda bordada a branco com que cobriam

apenas os ombros e cujas pontas iam prender-se adiante, sobre o seio, com um alfinete ou uma fita de seda branca. Nos dias de maior solenidade, como casamentos, festa de S. Pedro, etc., as lavradoras vestiam saias de seda, chamadas *saias de rna*, que, com o desuso, têm sido transformadas, nestes últimos tempos, em lindíssimas colchas.

Com o decorrer dos tempos, as saias de *catimbau* cederam o lugar às de *castorina* fina; a *roupinha* apertada, a outra de mangas largas feitas dos mais variados tecidos, e a capa de bambonete a lindíssimos lenços de pescoco, em lã ou seda, na maior parte das vezes bordados pelas portadoras.

As saias de castorina ainda hoje se usam, embora arrebicadas de pregas e plissados, e foram elas que, com os lenços do pescoco e a tradicional roupinha, constituíram, por largos anos, o traje característico e interessantíssimo das donzelas nisesenses.



Traje de romaria.

Houve uma época em que o luxo e a ostentação se aferiam pelo número das saias usadas, sendo frequente aparecerem nos bailes raparigas cuja cintura tinha de suportar o peso de doze daquelas incômodas peças de vestuário! Era um martírio, principalmente de Verão! E, como se este peso não fosse bastante para cruciar as pobres moças, ainda o peito e o pescoço tinham de suportar a pressão de várias gargantilhas, cordões, grilhões, cadeias, etc., que algumas ostentavam, como ourivesarias ambulantes, vaidosamente. Servia-lhes de agasalho — e nem de outra forma saíam à rua — uma mantilha roxa, forrada de baeta encarnada, na parte que colocavam sobre a cabeça. Mais tarde a mantilha roxa foi substituída por outra de pano preto, com que assistiam às cerimônias religiosas e ocultavam o rosto à indiscrição dos curiosos. Hoje a mantilha apenas é usada por algumas viúvas mais aferradas à tradição e ainda assim só nos primeiros tempos da viuvez.

O que todas as niseses ainda usam são os xailes de diferentes cores, desde o preto nas missas e enterros até aos mais garridos e finos de lã e seda, aparecendo mesmo caríssimos *manteaux de Manilla*, importados do país vizinho.

Os homens usavam calças de alçapão, isto é um calção de saragoça ou veludo, conforme os haveres, com duas aberturas dos lados, nos sítios onde hoje usamos os bolsos. Ao calção segura-se a polaina, da mesma fazenda, e sob ela os canudos, uma espécie de meia de linho ou estopa, mas sem pés. Não se lhes podia chamar ceroulas de nastro, porque já então usavam cuecas de linho, estopa ou estopinha. A camisa era também de linho caseiro, com bordados no peitilho e nas mangas, tendo estas ainda *pregas corridas* (talvez a origem do moderno plissado) nos ombros e nos punhos. Colarinhos altos, também bordados, e botões de ouro com corrente, semelhantes aos que usam hoje os lavradores do Ribatejo. Em volta do colarinho um lenço de seda. Sobre a camisa vestiam, nos dias festivos, um colete de seda ou veludo, de que se vêem ainda hoje com frequência, principalmente no Carnaval, lindíssimos modelos. Mas o mais interessante deste pitoresco conjunto era a célebre *jaqueta de pifaro*, em geral de saragoça, sem gola ou com uma gola muito reduzida, como as das capas académicas, e com as bandas de baixo a cima, completamente reviradas e presas por botões forrados de tecido da jaqueta.

Nos casamentos de lavradores e festas de maior solenidade era de rigor a casaca e chapéu alto. Defendiam-se das inclemências do Inverno com *capas rodadas* de pano azul, uma espécie de cana à espanhola com

bandas de outro tecido. Os camponeses, em vez de capa, traziam, e ainda hoje usam, *gabões de burel*. Costumavam lançar, com o braço direito, a parte respectiva do gabão sobre o ombro esquerdo, resguardando assim o rosto das intempéries.

Durante muito tempo, lavradores e camponeses usaram chapéu de borla e alguns um gorro preto de lã, chamado *carapuça*.